

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC/SP

**O SAGRADO NO MANEJO DA ESPADA
“UM CAMINHO DE VIDA”**

Lukas Barrovieira de Paula

Orientadora Prof^aDra. Rosana Maria P. Barbato Schwartz

SÃO PAULO

2012

LUKAS BARROVIEIRA DE PAULA
RA 00067311

O SAGRADO NO MANEJO DA ESPADA
“UM CAMINHO DE VIDA”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para a obtenção do título de
Especialista em História, Sociedade e
Cultura.

**Orientadora: Prof^aDra. Rosana Maria
P. Barbato Schwartz**

SÃO PAULO
2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo por me possibilitar estar vivendo neste tempo/espço, e a todos aqueles que caminham comigo, por constantemente me ensinarem.

À minha família que é à base das minhas conquistas.

Ao professor Gustavo Issac Killner, por me incentivar a pesquisar sobre a cultura nipônica, ainda nos tempos de graduação.

Ao Instituto Santuário *Zenjutsu* e ao *sensei* Marcos Velloza, por influenciarem minha vida, mesmo eu estando “adormecido” no caminho do *bujutsu*.

Às pessoas que gentilmente aceitaram ser entrevistadas, e que por consequência tornaram o trabalho viável, os senhores: Carlos Alberto Grossi, Carlos Alberto de Sousa e Flávio Araújo Guimarães, todos instrutores de artes marciais na Associação Mineira de Cultura *Nipo* Brasileira.

Aos meus amigos Roberto Carlos de Souza, Marcia Gonzaga da Costa, Ademir Benedito dos Santos Junior e Aline do Prado Silva, que me acompanharam durante os dois longos anos deste curso de especialização.

E por fim, à professora Rosana Maria P. Barbato Schwartz, pela extrema paciência e dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste projeto, me incentivando e colaborando no desenvolvimento de minhas ideias, sendo que, sem sua ajuda este trabalho não seria realizado.

**“Chegará o momento em que encontrará a
harmonia do ritmo, não mais sentindo a
espada em sua mão, ambas fundidas
numa só matéria, num só espírito.”**

Miyamoto Musashi

RESUMO

Este trabalho visa em específico sublinhar se os praticantes das artes marciais japonesas, aquelas centradas no manejo do sabre, como o *iaijutsu/iaido* e o *kendo*, entendem a prática das mesmas como “Um Caminho de Vida” e um “veículo” para iluminação na perspectiva do *zen*-budismo. Para tanto, o trabalho expõe uma perspectiva geral do que é cada arte, assim como, o que seria o *zen*-budismo, alinhado à oralidade para uma contemplação do contexto atual.

Palavras-chave: Artes Marciais, Japão, *Zen*-Budismo, Oralidade, Estilo de Vida.

ABSTRACT

This paper specifically aims to highlight if practicing's of Japanese martial arts, those centered on the handling of the saber, as the *iaijutsu/iaido* and the *kendo*, understand these practice as "A Way of Life" and a "vehicle" to illumination in the *Zen* Buddhism perspective. In order to do so, this paper exposes a general perspective of what is each art, as well as, what is *Zen* Buddhism, combined to orality for current context contemplation.

Key words: Martial Arts; Japan; *Zen* Buddhism, Orality; Way of Life

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 IAIJUTSU/IAIDO E KENDO	10
3 ZEN-BUDISMO	15
4 UM CAMINHO DE VIDA	19
5 CONCLUSÃO	23
6 FONTE ORAL	24
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
ANEXO A	27
ANEXO B	28
ANEXO C	29
ANEXO D	30
ANEXO E	31

1 INTRODUÇÃO

O título do trabalho proposto pode se manifestar aos olhos dos leitores como extremamente ambíguo e genérico, e de fato o é. A relação entre o homem, principalmente o gênero masculino, a espada e o sagrado, transita entre as eras e as diversas culturas, estando presente em basicamente todo o mundo (sendo “substituída” em algumas regiões pela lança). A espada como símbolo sagrado é algo posterior à sua criação para fins estritamente marciais, porém, esta relação remonta a antiguidade, logo, o “leque” de possibilidades e de abordagens são imensuráveis. Portanto, uma delimitação se torna necessária. O trabalho proposto estará alinhado aos aspectos “religiosos” do manejo da “espada” japonesa na atualidade, utilizando para tanto, escolas em atuação no Brasil.

O mais correto seria dizer o “manejo do sabre”, porém por aceitabilidade e estéticas “atuais”, foi feita uma opção pelo termo espada. A pesquisa está centrada na perspectiva religiosa *zen* budista, (do *kendo* e do *iaido* na atualidade), se esta relação ainda persiste e se estas artes são caracterizadas por seus praticantes como veículos para iluminação.

O leitor pode se perguntar o porquê da abordagem sobre a cultura japonesa no Brasil, países que a primeira vista são extremamente distintos, porém, é visível que após mais de cem anos de imigração nipônica em nosso país, nós ocidentais, latino-americanos e brasileiros, “começamos” a nos importar e nos interessar por esses elementos culturais.

A cultura Japonesa, não é “una”, mais sim sincrética e variada, pois desde a formação do Japão os regionalismos de certa forma foram incentivados, já que, o controle destas regiões pertencia a grupos distintos e clãs com culturas próprias que se estruturavam em áreas muitas vezes isoladas (lembrando que o território japonês é um arquipélago e só foi unificado quando estabelecido à família imperial, que teve origem histórica no clã *Yamato* e origem mítica nos descendentes da deusa-sol *Amaterasu*, divindade mais importante do xintoísmo, filha de *Izanagi*, jovem deus que junto com sua esposa *Izanami* criou as terras e o povo japonês). O xintoísmo pode ser considerado como uma “religião” essencialmente japonesa e é um culto à natureza, aos antepassados e à família imperial; Posteriormente, com o “intercâmbio” de elementos chineses e coreanos, o budismo, o confucionismo e o

taoísmo foram difundidos e praticados nesse território. Estas relações acarretaram muitos ganhos para a cultura. Em um primeiro momento o Japão se limita a absorver estes elementos estrangeiros, mais precisamente os chineses, muitas vezes de maneira agressiva através da imposição do governo central.

Devemos ressaltar que no início há limitação na reprodução, porém mais tarde os elementos absorvidos são recriados, possuindo a partir de então características próprias. Assim como a arte da espada, a escrita é um bom exemplo dessas mudanças. De sociedades orais, administradas por clãs, passam no século IV e V da nossa era, para a escrita, mas vale ressaltar que poucas pessoas na corte (durante um longo período), estavam habituadas aos caracteres chineses, devido ao texto “Registro de Assuntos Antigos” que estabelece a origem mítica do povo nipônico.

Esta imigração de elementos culturais e técnicos é necessária para o entendimento da cultura japonesa. A própria questão central deste trabalho está intimamente relacionada com a reestruturação cultural e a criação da identidade nacional. A espada japonesa na antiguidade era de fato uma espada, possuía dois cortes laterais tendo grande semelhança e influência chinesa, sendo que só iria adquirir o aspecto que hoje entendemos como clássico e símbolo nacional após as tentativas de invasões mongóis.

Uma breve ambientação sobre a história japonesa se mostra necessária, pois, o cerne desta pesquisa está enraizado talvez na “mítica” do “estamento” social, que podemos considerar como o mais importante ao longo dos últimos séculos, seja de maneira direta ou indireta, os *samurais*, que transitaram de guerreiros incultos a verdadeiros sábios, “transformando” a marcialidade como um veículo para o *satori*.

Progredindo nos anos, chegando até o ano de 1908, já na era *Meiji* (que havia extinguido o antigo sistema hierárquico reestruturando o poder na figura do Imperador), inicia-se a saga da imigração japonesa no Brasil, país que apesar de ser estranho aos seus costumes e de abrigar ao longo dos anos um grande preconceito de ambas as partes, se tornou a maior “colônia” japonesa fora do Japão. A partir do navio *Kasatu Maru*, vieram para o Brasil inúmeros porta vozes da cultura tradicional, marcial e artística. A partir do trabalho destes mestres, da estruturação de suas escolas e estilos, esta pesquisa se torna possível e viável, sendo o questionamento principal, explicar se a marcialidade ainda é um caminho

para a iluminação e se a espada além de cortar pessoas, também dissipa as imperfeições espirituais.

2 IAIJUTSU/IAIDO E KENDO

As artes marciais foram essenciais na história do Japão, no decorrer de seus diversos períodos, a figura do guerreiro teve extrema importância chegando em muitos momentos a ser o pilar da sociedade nipônica. A arte da “espada” é considerada uma das bases da formação do *bushi*, e incorporou ao longo do tempo elementos filosóficos e religiosos. O presente capítulo tem como objetivo dissertar, com o auxílio da oralidade, sobre a história de alguns estilos de manejo do sabre japonês, englobados em dois grandes blocos: o *iaijutsu/iaido* (perspectiva pré e pós-período *Meiji*) e o *kendo* (criação do período *Meiji*).

As artes marciais modernas japonesas “nasceram” principalmente a partir do período *Meiji*, como uma forma de aproximação entre o passado e o presente, uma manifestação “antropofágica” de deglutição, absorção e reestruturação dos elementos ocidentais ditos modernos com as tradições arcaicas. A elevação do “*samuraí*” como a “figura”, ou o ideal nacional, foi um elemento importante para a unificação da população na nova estrutura social, que aboliu os estamentos e impôs a igualdade social a partir do nascimento, estabelecendo inclusive a obrigatoriedade de todos possuírem nome e sobrenome. O conceito do “ser *samuraí*” e toda a mística que envolvia esse seguimento se mostrou necessária, assim como a importância dos mitos nacionais, já que este período por ser de transição se mostrava conturbado. Estes elementos amplamente divulgados devido à alta taxa de escolarização que o Japão experimentava, seria o que mais tarde foi chamado de *yamato damashii* (espírito japonês).

Hobsbawn, em sua obra “A Invenção das Tradições”, aponta em outro contexto, algo que pode ser aplicado à restauração *Meiji*, (Hobsbawn & Ranger. 1984, p14): “[...] as práticas tradicionais existentes- ... foram modificadas, ritualizadas e institucionalizadas para servir a novos propósitos nacionais [...]”.

Célia Sakurai aponta em seu livro “Os Japoneses”, (Sakurai, Célia. 2007, p.331): “[...] os alicerces do *bushido* são sobriedade, disciplina e lealdade. O significado – *bushi* = guerreiro, *do* = caminho – agrega não só o sentido da luta, mas uma norma de conduta [...]”.

As artes marciais de origem japonesa seguem o *bushido*, principalmente aquelas com elementos tão próximos dos antigos guerreiros, nas palavras do

mestre Akira Tsukimoto (*Katana Kaji*): “A espada não é a alma do samurai. A alma do samurai é que é a espada!”.

Logo a importância do *iaijutsu/iaido* e do *kendo* para o estado japonês era evidente, principalmente o *kendo* (inserido na estrutura escolar), assim como o *judo* (do mestre/fundador e educador Jigoro Kano), foram utilizados como forma de doutrinação dos jovens, pró-estado. A lealdade para com o Imperador e a estrutura governamental, a disciplina e a sobriedade se tornam sinônimos de japonês, sejam daqueles que permanecem no Império, sejam os imigrantes.

O *iaijutsu* é a arte de sacar, cortar e retornar o sabre na bainha em diversas situações. Existem inúmeras escolas de *iaijutsu*, com a utilização de um ou dois sabres, podemos considerar os estilos destas escolas como as técnicas mais sofisticadas de manejo do sabre japonês. No século XX a federação japonesa de *kendo* criou o estilo *seitei iai*, que podemos entender como uma tentativa de incorporar, transmitir e “manter vivos” os elementos principais das escolas tradicionais.

A técnica de sacar e embainhar o sabre, associada a elementos *zen*-budistas próximos da escola *rinzai*, é transformada em um princípio de “*do*” (caminho), passando de *iaijutsu* para *iaido*. A prática desta arte marcial está totalmente incorporada ao princípio do *yamato damashii* e possibilita ao praticante a introspecção, sendo assim considerada, pelo menos no passado, como um veículo para iluminação. Em alguns apontamentos a ideia de utilizar a espada/sabre como algo que transcende o combate remonta ao início do *xogunato*, Yagyo Munemori, instrutor dos três primeiros *xoguns*, já estabelecia esse princípio.

O *iaijutsu/iaido* é ensinado principalmente pela utilização de *katas* (formas), que são realizadas entre dois praticantes, aquele que executa a técnica e aquele que recebe a técnica, existindo ainda a possibilidade do treinamento com oponentes imaginários. Segundo alguns manuais, os *katas* se dividem em sequências determinadas como *nukitsuke*, *kiritsuke*, *tiburi* e *noto*. O praticante desta arte marcial utiliza como vestimenta um *dogi* tradicional, utilizado com *hakama*.

A sequência de *katas* deve ser entendida como um eterno ciclo:

Nukitsuke: saque do sabre em perspectiva de ataque e defesa;

Kiritsuke: conclusão da técnica;

Tiburi: após a conclusão da técnica o movimento de limpeza do sangue presente na lâmina;

Noto: ato de embainhar a lâmina.

Outros elementos importantes que transparecem conceitos mais profundos do *iaijutsu/iaido*, assim como, de outras artes marciais tradicionais são:

Zanshin: estado de serenidade onde o artista marcial está pronto para reagir a qualquer momento, contra qualquer inimigo;

Maai: conceito de domínio de posicionamento espacial em relação à maneira correta de aplicação das técnicas;

Metsuke: a maneira de olhar durante a execução das técnicas;

Tenouchi: a maneira correta de empunhar a espada/sabre durante os *katas*.

É perceptível no *iaijutsu/iaido*, assim como em outras artes marciais e demais tradições japonesas, a busca pela perfeição, o belo para estas artes é executar todos os movimentos em conformidade com as rígidas formas pré-estabelecidas.

Em entrevista concedida no dia 10 de novembro de 2012, nas dependências da Associação Mineira de Cultura *Nipo* Brasileira, os senhores Carlos Alberto Grossi e Carlos Aberto de Souza, ambos instrutores de *iaido*, do estilo *Mugai Ryu*, comentaram sobre a origem do estilo, assim como possíveis relações com o *zen-budismo*, na prática atual.

“O surgimento do estilo Mugai de iaido, remonta ao período Tokugawa, sua história parte da trajetória de um samurai que iniciou seus estudos no zen-budismo e que mais tarde depois de ter alcançado a iluminação, voltou à prática das artes marciais estruturando o estilo Mugai, sendo que no início para praticar o estilo era necessário ter um mestre zen.

[...] atualmente não existe relação direta entre a prática do iaido com o zen-budismo, embora muitos mestres, principalmente no Japão, sejam budistas. A relação com o zen é muito subjetiva e individual... Não há como saber se foi atingido o satori, sem o devido acompanhamento de um mestre zen.”

O *kendo* nasceu a partir da restauração *Meiji*, é uma derivação do *kenjutsu*, que podemos considerar um nome genérico para técnicas de “esgrima”, antigas escolas denominadas pelo “sufixo” *ryu*. Como já mencionado, o *kendo* teve uma ampla utilização pelo estado japonês, assim como ocorreu com o *judo*, servindo assim como um suporte para a educação moral e cívica do nacionalismo nipônico. Se

transformou ao longo do tempo em um esporte, deixando de lado muitas vezes o caráter filosófico e sagrado do manejo da espada/sabre.

Kendo significa (caminho da espada, *ken* - espada, *do* - caminho). Foi criado com o objetivo de manter viva a identidade idealizada do *samurai*, sendo então uma organização educacional paralela, porém incorporada à estrutura educacional oficial. Foi uma disciplina obrigatória e mais tarde optativa na formação do cidadão japonês. O *kendo* faz parte do que chamamos de *gendai budo* (artes marciais modernas) e está presente no Brasil desde o início da imigração japonesa, em 1908, graças à existência de imigrantes que detinham o conhecimento sobre essa arte.

Embora tenha ocorrido a “esportivização” da arte marcial *kendo*, ainda persiste principalmente na prática dos mais experientes o conceito de busca do aprimoramento tanto físico/mental, quanto espiritual. Promovendo a ideia, assim como em outras artes márcias, de que a “elevação” espiritual se manifesta a partir do aprimoramento técnico e físico.

No treinamento do *kendo* é utilizado o *bogu* (armadura) em conjunto da *shinai* (espada de bambu); o *boken* (espada de madeira) acompanhado do *dogi* tradicional, utilizado com *hakama*; nos torneios é utilizado o primeiro conjunto de equipamentos citados. O treinamento se constitui da realização de *katas* e de combates. Como se trata de uma arte marcial que se “esportivizou”, existem regras e regiões do corpo válidas para o corte ou contato da *shinai* nos campeonatos, tais como: a cabeça (*men*); antebraço (*kote*); abdômen (*do*) e a garganta (*tsuki*).

Em entrevista concedida no dia 11 de novembro de 2012, nas dependências da Associação Mineira de Cultura *Nipo* Brasileira, o senhor Flávio Araújo de Guimarães, instrutor de *kendo* da referida associação, comentou sobre a questão da “esportivização”, da arte marcial *kendo*.

“A questão da esportivização é uma discussão antiga, inclusive existe o medo de ocorrer com o kendo, o mesmo que ocorreu com o judo depois que virou um esporte olímpico... A questão do esporte está mais presente no Japão, onde o treinamento começa desde criança, e nos clubes de faculdades... então tem aquilo de esporte, campeonato. No Brasil, como em outros lugares, as pessoas começam a praticar na maioria das vezes após terminar a faculdade, quando estão mais velhas. [...] os campeonatos

são como um período de confraternização. O esporte é apenas uma parte do kendo.”

O interessante é notar nesta entrevista, embora não seja a discussão deste trabalho, que o *kendo*, por não ser amplamente divulgado e por possuir equipamentos “caros”, em relação ao *bogu* (armadura), possui a prática muitas vezes restrita à comunidade de descendência japonesa e às pessoas mais “instruídas”.

3 ZEN-BUDISMO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o *zen*-budismo, sendo essa uma tarefa de extrema dificuldade, já que não há *Zen*, quando tentamos descrever ou explicar, o que é *Zen*.

Segundo Alan Watts em *Meaning of Happiness*:

“O zen nunca explica. Somente dá sugestões... tentar explica-lo é como tentar captar o vento numa caixa. No momento em que se fecha a tampa ele deixa de ser vento e se transforma em ar estagnado.” (Suzuki, Daisetz Teitaro. 1969,p.34)

A partir do budismo, de maneira ampla, entendemos que o *Buda* é reverenciado por possuir cinco virtudes: uma conduta superior; um ponto de vista superior; uma perfeita sabedoria; uma habilidade superior de prática e o poder de levar os homens a praticar os seus ensinamentos, além disso, é evidente que o mundo está “mergulhado” no sofrimento e que para atingir o estado de serenidade plena é preciso percorrer o nobre caminho, que perpassa por uma percepção correta; pensamento correto; fala correta; comportamento correto; meio de vida correto; esforço correto; atenção correta e concentração correta.

De fato o budismo, de maneira abrangente, expõe esses argumentos, mas, o que o *zen*-budismo (chinês e japonês) diria sobre essa passagem? Provavelmente diria que é uma bobagem, ou então seus mestres diriam algo incompreensível às nossas mentes com percepções dualísticas de mundo. O que é o *zen*-budismo? Alguns poderiam pensar em algo extremamente “anárquico”, pois mesmo “dentro” do budismo, o mesmo, “abomina” o *Buda* e os *sutras*. Imitar e seguir cegamente são atitudes inconcebíveis ao *Zen*.

O pensamento de Bodhidharma, fundador do *zen*-budismo (Daruma em japonês) pode ser representado no seguinte trecho:

“Há uma transmissão fora das escrituras, sem depender de letras ou palavras, que vai diretamente à essência da mente, para que o indivíduo alcance o estado búdico por meio de uma visão clara da sua verdadeira natureza.”

A “Doutrina do Coração do *Buda*” (*Buddha Hridaya*), (o nome escolástico do *zen*-budismo se originou na China, sendo fundado por um indiano, Bodhidharma), podemos dizer que surgiu do ocidente, se tornando verdadeiramente *Zen*, no extremo oriente. A palavra *zen* é derivada do chinês *ch’an* que, por sua vez, é uma variante de *dhyana* (palavra sânscrita), ambas podem ser traduzidas como “meditação”, porém o *zen* é distinto das práticas hindus.

Existem duas grandes escolas dentro do *zen*-budismo japonês, a que chamamos *Rinzai* e a *Soto*, tendo características diferentes de “meditação”, uma mais “ativa” outra mais “passiva”, respectivamente. Quando existe a utilização dos *Koan*, como “ferramenta” para o *Samadhi*, podemos creditar ao *zen* a característica de ilógico, pois nossas mentes ocidentais, pautadas no dualismo e no “intelectualismo”, não conseguem compreender estas manifestações. Por exemplo, ao termos contato com o famoso poema (*gatha*) o que conseguimos formular a não ser a palavra “ilógico”:

*“Observai a pá nas minhas mãos vazias;
Enquanto montado num touro vou andando a pé.
Quando passo sobre a ponte, não é a água que corre.
e sim a ponte.”*

Para compreender o *zen* devemos “desenvolver” uma nova percepção de mundo, Suzuki nos mostra que:

“O zen quer que adquiramos um ponto de vista inteiramente novo, a fim de que possamos olhar os mistérios da vida e os segredos da natureza. Isto porque o Zen chegou à conclusão definida de que o processo lógico comum é impotente para satisfazer nossas necessidades espirituais mais profundas.” (Suzuki, Daisetz Teitaro, 1969, p.81)

Logo percebemos que o *zen* está em oposição a toda lógica e intelectualismo, porém isso não significa que o *zen* busca ser ilógico, somente ensina que a lógica, a estrutura do pensamento lógico, não é a consciência final. Em contraponto, pensar que o *zen* é místico ou por essência misterioso é uma falha, Suzuki aponta:

Quando perguntaram a Joshu (Chad-Chou), o que era o Tao (ou a verdade do zen) ele respondeu:

“A vossa vida cotidiana é o Tao”. E outras palavras, uma calma autoconfiante. Esta é a verdade que quero exprimir quando afirmo que o Zen é eminentemente prático. Ele apela diretamente à vida, não fazendo sequer referência à alma, ou a Deus, ou a coisa alguma que interfira ou perturbe o ordinário curso vital. A ideia do Zen é de captar a vida assim como ela é. Não há nada de misterioso ou extraordinário a respeito do Zen. Ergo a minha mão, ou apanho um livro do outro lado da mesa, ou ouço os garotos jogando bola na rua, ou vejo as nuvens além serem dispersadas sobre a floresta – em tudo isso estou praticando o Zen. Estou vivendo o Zen. Nenhuma discussão verbal é necessária, nem qualquer explicação. Não sei porque, e também não há necessidade de explicação, mas quando o sol surge, todo o mundo dança de alegria, e o coração de todos enche-se de júbilo. Se o Zen é depois de tudo concebível, é aqui que deve ser aprendido.” (Suzuki, Daisetz Teitaro. 1969, p.98)

Pelo zen ser prático e possibilitar o encontro do sagrado nas manifestações mais cotidianas, acredita-se ter sido extremamente sedutor ao “estamento” dos *bushis* “quebrar” a estrutura dualística da mente, encontrar o sagrado na arte da guerra e naquilo que lhes era familiar e realizado no dia-a-dia, ou seja, foi crucial na propagação do zen neste meio. A simplicidade da vida dos *samurais*, alinhadas à simplicidade do zen, se transformou em uma união “perfeita”.

Quando analisamos o zen como algo prático devemos tomar cuidado para não pensarmos que em seu âmago esta presente o naturalismo ou “libertinismo”, que viver simplesmente pelos instintos é Zen. A prática do zen requer uma disciplina absoluta, “comer, quando se tem fome”; “beber, quando se tem sede”, isso é Zen, “quando comer, simplesmente comer”; “quando beber, simplesmente beber”. Algo assim, nos parece excessivamente banal, mas, nós fazemos isso em algum momento?

Podemos dizer que o “objetivo” do zen, assim como do budismo em geral, é alcançar o estado de *satori* ou *samadhi*, para tanto, é necessário uma rígida disciplina na vida cotidiana, sendo que o curioso é que cada indivíduo se ilumina de maneira distinta e que o mais banal dos acontecimentos, como “o bater das asas

de uma borboleta”, ou “o exercício com o sabre”, pode causar esse efeito. Descrever o *satori* é impossível, pois só quem o atingiu é capaz de reconhecê-lo.

4 UM CAMINHO DE VIDA

O objetivo deste capítulo é caracterizar, com o auxílio da oralidade, a perspectiva do “Do” (caminho) e a relação do sagrado com o *bujutsu* (arte para a guerra).

Na perspectiva das artes tradicionais japonesas a busca pela perfeição é evidente, a beleza das formas é almejada, não em um sentido narcisista, pois a própria prática dessas artes visa suplantar o ego, mas sim, em um sentido que transcende o material. As artes mencionadas, praticadas principalmente pelo “estamento” dos *samurais*, estavam alinhadas ao *zen*-budismo, como já mencionado, uma forma de budismo bem distante do que era praticado pela “nobreza”. No *zen*, a simplicidade material se manifesta, porém, como em todo caminho, existe a rigidez e a necessidade de entrega do discípulo que “almeja” se tornar um *Buda*, alcançar a iluminação assim como Sakyamuni.

Quanto à questão do manejo do sabre, percebemos que essa prática está intimamente relacionada com o sagrado, na obra “A Arte Cavaleiresca do Arqueiro *Zen*”, Herrigel diz:

“Da mesma maneira que os mestres-arqueiros, os mestres da espada mostram-se imperturbáveis diante de qualquer objeção à sua convicção de que a toda espada, forjada com um árduo esforço, assimila o espírito do espadachim. Por essa razão é que ele forja vestido com ornamentos rituais. Suas experiências são por demais inequívocas, e eles, enriquecidos por experiências humanas, são capazes de ouvir a voz da espada.” (Herrigel, Eugen. 1975, p.73)

A passagem faz alusão também à prática dos *katana kaji* (mestres espadeiros), práticas por vezes relacionadas com o xintoísmo. A espada/sabre não mais uma arma, é um símbolo e um “apoio” na busca do estado búdico. Após muitos anos de práticas, o artista, o “*samurai*”, incorpora o conceito que a espada não é mais um objeto, mas sim, sua própria alma, como já mencionado nas palavras do mestre Akira Tsukimoto (*Katana Kaji*). Célia Sakurai apresenta:

“A arte da espada (katana) é um capítulo especial na vida do samurai. Ela é uma arte porque extrapola o simples manejo da espada como arma, que garante a vida ou à morte, mas é o símbolo que o acompanha mesmo nos tempos de paz. Significa, na verdade, um modo de vida e a representação visível do bushido.” (SAKURAI. 2007. p,333)

Novamente Herrigel, em uma linda passagem, explicita sobre a relação marcial com o zen:

*“Desde os tempos mais remotos, a sala onde se pratica a arte da espada se denomina, **lugar da iluminação**. Todo mestre de uma arte influenciada pelo zen é como um relâmpago gerado pela nuvem da verdade universal. Essa verdade esta presente na livre mobilidade do seu espírito e naquilo que se chama de **algo**, onde ela se mostra na sua plenitude e essência originais. Nessa fonte que jamais seca, suas potencialidades adormecidas se nutrem de uma compreensão da Verdade que, para ele e para os outros através dele, se renova perpetuamente.” (HERRIGEL. 1975. P,90)*

Como já apontado anteriormente, os *samurais* “abraçaram” o zen, o aplicando em suas práticas diárias, transformando o *bujutsu* em um veículo para a “iluminação”. Essa relação se “beneficiou” da disciplina inerente deste “estamento”, pois embora no início das práticas marciais o indivíduo esteja “transbordando” autoconfiança, após um curto período de “adestramento”, se vê “mergulhado” em incertezas e melancolia, somente com a atuação e o apoio de um mestre que consiga fazer o indivíduo estar preparado para encontrar a “verdade”, (o *satori* se manifesta), pois assim como explicita um antigo provérbio zen: “Só encontrará a sua vida aquele que a perdeu.”

Um mestre zen dizia:

“Antes que um homem estude o zen, as montanhas são para ele montanhas e as águas são águas. Mas quando ele vislumbra a verdade Zen através das instruções de um bom mestre, as montanhas não são mais montanhas, nem as águas são águas. Mais tarde, quando ele alcança o local do repouso (atinge o satori), as montanhas são novamente montanhas e as águas são águas.” (SUZUKI, Essay I. p12)

Nas artes marciais modernas, *gendai budo*, vemos uma possível ligação com o *zen*, a destreza é caracterizada por “faixas”, que demonstram as habilidades de cada praticante, onde as graduações se iniciam pela faixa branca, que ao longo dos anos metaforicamente se transforma em preta e que caso ocorra o “repouso”, um movimento cíclico se inicia voltando o artista a utilizar a faixa branca.

Em entrevista concedida no dia 10 de novembro de 2012, os senhores Carlos Alberto Grossi e Carlos Alberto de Sousa apontam:

“A prática do iaido pode ser considerado um caminho de vida, se inicia pelo interesse individual pela cultura japonesa, chamado no estrangeiro de “febre japonesa”, por exemplo, quando você pratica arte coreana, simplesmente pratica essa arte, com as artes japonesas é diferente, há o interesse pela cultura em geral.

A prática do iaido esta centrada na busca pelo controle, pelo desenvolvimento pessoal, é um caminho de vida, pois o que é treinado é “utilizado” no dia-a-dia. [...] o treino consiste em confrontar você mesmo, dominar seu ego, se aperfeiçoar.”

Em entrevista concedida no dia 11 de novembro de 2012, o senhor Flávio Araújo Guimarães aponta:

“Existiu a necessidade de transformar a espada em algo sagrado, para não banalizar a morte. [...] o kendo é um caminho de vida, embora a gente não carregue espada no dia-a-dia, o kendo é prático, o que é treinado é utilizado no cotidiano, o desapego é um elemento importante... Outro ponto que me atrai é a possibilidade de treinar até chegar em uma idade avançada, diferente do futebol, que quando acaba força física a pessoa para de treinar, no kendo quando força física vai caindo, então começa a técnica e a parte espiritual começa a se desenvolver.”

Podemos caracterizar os artistas marciais como remanescentes dos *samurais*? Aqueles que herdaram suas características? Acredito estar a prática das artes marciais modernas, alinhada ao conceito idealizado do *samurai*, atualmente não mais em relação ao nacionalismo japonês, mas de uma forma ampla devido à globalização. A prática, embora seja a síntese do *yamato damashii*, se despreendeu das amarras étnicas. Quando o artista entende o manejo do sabre, o símbolo

máximo do guerreiro, não como uma simples ferramenta, mas sim, como um veículo para a serenidade plena, a Arte da Guerra se transforma em “Do”, em caminho de vida. Herringel declara:

“Se sair vitorioso desta longa jornada, então seu destino se consumará no encontro com a Verdade inquebrantável, com a Verdade que está por acima de todas as verdades e com a amorfa origem de todas as origens: o Nada que é o Tudo. Que ele o devore e dele receba uma nova vida!” (HERRIGEL. 1975. p,91).

5 CONCLUSÃO

O trabalho proposto é o início de uma ampla pesquisa, que tem como objetivo entender se existe relação entre o sagrado e as artes marciais japonesas, principalmente aquelas intimamente relacionadas com a espada/sabre, ficando evidente que este trabalho somente começou a problematizar sobre o assunto.

Apesar do Brasil ser a maior colônia de japoneses fora do Japão, e de termos uma participação considerável em âmbito internacional no meio das artes marciais, o estudo da cultura nipônica não é algo amplamente difundido em nosso país, o presente trabalho visa contribuir para transformar esse quadro.

O estudo sistemático do *iaijutsu/iaido*, assim como do *kendo*, tanto de suas práticas quanto história, possibilita entendermos o universo do artista marcial, assim como as formas de utilização que estes patrimônios imateriais sofreram ao longo do percurso histórico. Quanto à utilização da oralidade, no presente trabalho ela se torna interessante como forma de registro e compreensão do contexto atual.

Tanto a questão do *zen*-budismo, quanto a prática efetiva das artes marciais, em contexto etnográfico são meras centelhas, cujas complexidades ainda não foram de fato aprofundadas, porém, cabe ressaltar que realmente existem pessoas que moldam suas vidas, pelo viés da espada/sabre. E que embora em contexto histórico predominantemente nipônico o *satori* tenha encontrado morada nas práticas guerreiras, na atualidade, devido às diferenças culturais entre o ocidente/oriente, esta relação se mostra muito mais subjetiva e individual do que o inicialmente esperado.

6 Fonte Oral

1. Carlos Alberto Grossi e Carlos Alberto de Sousa, entrevistados em 10 de novembro de 2012, na cidade de Belo Horizonte – MG.
2. Flávio Araújo Guimarães, entrevistado em 11 de novembro de 2012, na cidade de Belo Horizonte – MG.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Cultural Oriente Ocidente. Disponível em: www.zen.org [Acesso em Agosto de 2012]

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

Confederação Brasileira de Kendo. Disponível em: www.cbkendo.esp.br [Acesso em Agosto de 2012]

HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen.** São Paulo: Pensamento, 2002.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, T. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Kendo Belo Horizonte. Disponível em: www.kendobh.esp.br [Acesso em Agosto de 2012]

LOURENÇÃO, Gil Vicente. **Identidade, práticas e moralidades transnacionais: “etnografia da esgrima japonesa no Brasil”.** São Paulo, 2009. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, do Centro de Educação em Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos.

MARTA, F.E.F. **A memória das lutas: “as artes marciais orientais e a sua presença na cultura de São Paulo”.** São Paulo: Educ, 2010.

MUSASHI, Miyamoto. **O livro dos cinco anéis.** São Paulo: Conrad, 2006.

PASSINI, Elza Yasuko. **Japão: “que país é este?”.** São Paulo: Editora Lê, 1995.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses.** São Paulo: Contexto, 2007.

SEBE, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: “como fazer como pensar”.** São Paulo: Contexto, 2007.

SUZUKI, Daisetz Teitaro. **Introdução ao zen-budismo**. São Paulo: Pensamento, 1969.

ANEXO A – CRONOLOGIA

Período *Jomon* 13000 a.e.c. ao 4º século a.e.c. - Mesolítico.

Período *Yayoi* 4º a.e.c. ao 4º século e.c. - Neolítico.

Período *Kofun* 4º século e.c. ao 6º século e.c.

Período *Asuka* 552-710.

Período *Nara* 710-794.

Período *Heian* 794-1185.

Período *Kamakura* 1185-1333.

Período *Muromachi* 1333-1573.

Período de Reunificação do Japão 1573-1615.

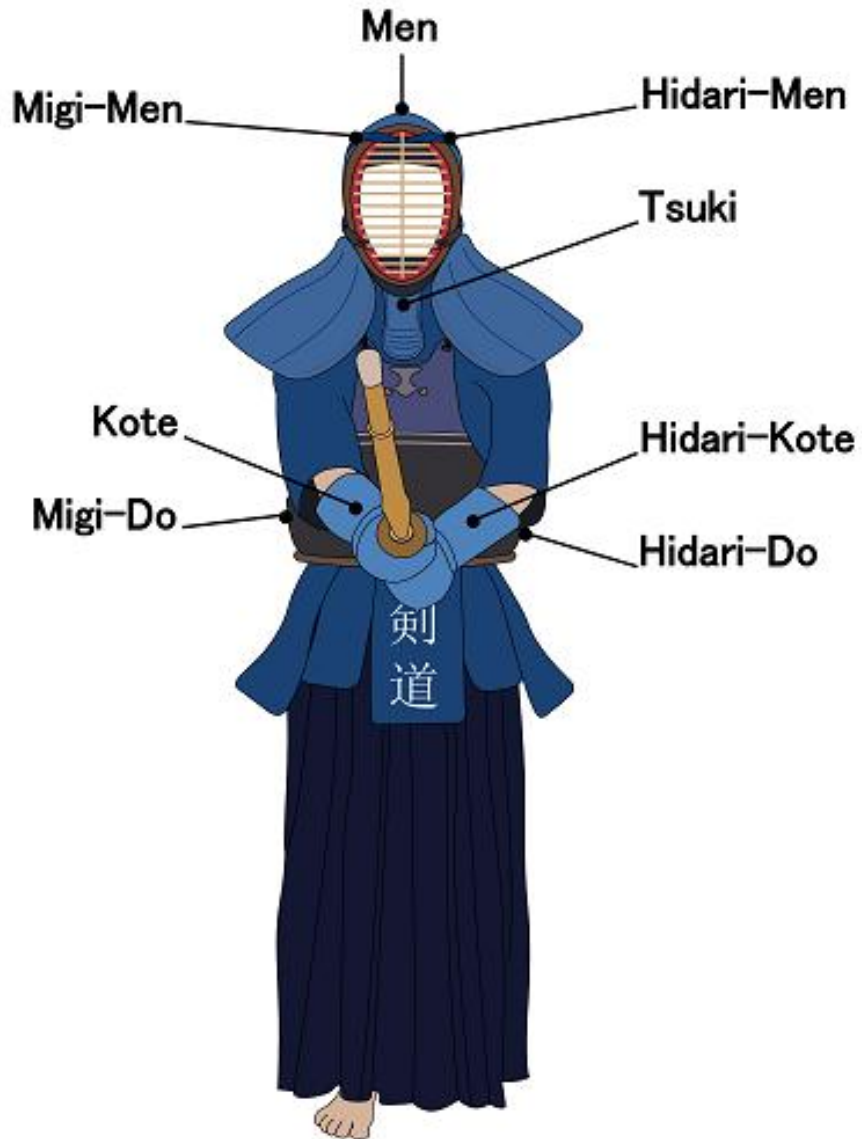
Era *Tokugawa* ou Período *Edo* 1615-1868.

Período *Meiji* 1868-1912.

Era *Taisho* 1912-1926.

Era *Showa* 1926-1989.

Era *Heisei* 1989- Dias Atuais.

ANEXO B - IMAGEM BOGU (ARMADURA) KENDO

ANEXO C - FICHA DE AUTORIZAÇÃO

Belo Horizonte, de 2012

Eu,....., portador do documento de identidade....., declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada (de 2012) para a utilização da pesquisa de Lukas de Paula, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, podendo o mesmo, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle ao pesquisador, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente.

Nome

Assinatura

ANEXO D - FICHA DE AUTORIZAÇÃO

Belo Horizonte, de 2012

Eu,....., portador do documento de identidade....., declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada (de 2012) para a utilização da pesquisa de Lukas de Paula, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, podendo o mesmo, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle ao pesquisador, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente.

Nome

Assinatura

ANEXO E - FICHA DE AUTORIZAÇÃO

Belo Horizonte, de 2012

Eu,....., portador do documento de identidade....., declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada (de 2012) para a utilização da pesquisa de Lukas de Paula, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, podendo o mesmo, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle ao pesquisador, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente.

Nome

Assinatura